

## A HERANÇA MOURA NA ARQUITETURA CIVIL DO PERÍODO COLONIAL

Graziela GATTÁS<sup>1</sup>

Heloísa SILVA<sup>2</sup>

Larissa BORGES<sup>3</sup>

Claudia Simone de Freitas TAVARES<sup>4</sup>

Amanda NOVA<sup>5</sup>

### Resumo

A partir da importância da preservação do patrimônio histórico para a memória coletiva, buscamos evidenciar a relevância da arquitetura civil colonial, que respondia às necessidades e ao contexto social da época. Permite ainda, evidenciar o legado dos mouros, onde alguns elementos arquitetônicos, como o muxarabi, trazidos pelos portugueses durante a colonização, ajudaram a construir a arquitetura do período colonial. Um exemplo significativo dessa herança arquitetônica são os sobrados mouriscos de Olinda, que refletem uma mescla dos estilos mouro e português, caracterizando a paisagem urbana da cidade. Observou-se uma realidade distinta entre os dois sobrados mouriscos, o da Praça de São Pedro muito bem conservado, enquanto o da Rua do Amparo exibia todo o descaso para com o patrimônio histórico. Ainda, foi constatado que o artifício da herança moura, o muxarabi, encontra-se presente em várias edificações de períodos históricos diversos.

**Palavras-chave:** arquitetura colonial, arquitetura civil colonial, sobrado mourisco, Olinda.

### Abstract

This article addresses the importance of preserving historical heritage, highlighting how collective memory is transmitted through historical buildings. It also shows the relevance of colonial civil architecture, which responded to the needs and social context of the time. It also highlights the legacy of the Moors, where some architectural elements, such as the mashrabiya, brought by the Portuguese during colonization, helped to build the architecture of the colonial period. A significant example of this architectural heritage are the Moorish mansions of Olinda, which reflect a mixture of Moorish and Portuguese styles, characterizing the city's urban landscape. For this study, a bibliographic review was carried out, aiming to gather and analyze the subject in the existing literature, and investigations were also carried out in the field to better understand the current scenario. A distinct reality was observed between the two Moorish mansions: the one in Praça de São Pedro was very well preserved, while the one in Rua do Amparo displayed complete disregard for the historical heritage. Furthermore, it was found that the artifice of Moorish heritage, the mashrabiya, is present in several buildings from different historical periods.

**Keywords:** colonial architecture, colonial civil architecture, Moorish mansion, Olinda.

1 Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Email: [grazielagattas@hotmail.com](mailto:grazielagattas@hotmail.com)

2 Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA.

3 Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA.

4 Mestre em design, CESAR School, professora da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA.

5 Especialista em design de mobiliário, IPOG, Professora Esuda, [amanda.vilanova@esuda.br](mailto:amanda.vilanova@esuda.br)

## **1. Introdução**

Esta pesquisa surge do interesse em apreender sobre as características mouriscas, no contexto da arquitetura civil do período colonial e ainda, compreender qual o panorama atual dos sobrados mouriscos existentes no sítio histórico de Olinda. O presente estudo consiste em um levantamento bibliográfico da história da arquitetura civil do período colonial e pesquisa de campo focando de maneira particular na arquitetura mourisca. O objetivo é reunir, através da apreciação de diferentes meios e publicações, dados que proporcionem o entendimento sobre as residências coloniais, tanto em seu modo de concepção, quanto em elementos construtivos e disposição de compartimentos. A pesquisa se baseia em referências textuais e imagens para mostrar as influências mouriscas e a importância dessa arquitetura na preservação do patrimônio histórico e cultural.

## **2. A Importância da Memória e do Patrimônio Histórico**

Pesavento (2008) mostra que os espaços urbanos são locais cruciais para a compreensão da história, memória e identidade de um povo. Neles há vestígios do passado, que o tornam presentes, reconfigurando a temporalidade. O que contribui para a formação de identidade, como um senso imaginário de pertencimento. A autora aponta as dificuldades e desafios envolvidos no processo de resgate da memória e identidade dos centros, diante das transformações e do crescimento urbano que tendem a ameaçar e apagar esses espaços simbólicos.

Para Choay (2017) monumento histórico traz à lembrança algo que toca, pela emoção e memória viva. Contribui para manter e preservar a identidade de um povo. Contudo, o papel do monumento em seu sentido original, foi perdendo sua importância nas sociedades ocidentais, influenciada pela ideia de beleza propagada a partir do Renascimento. A autora afirma que o monumento histórico é constituído a posteriori, não sendo criado como tal, sendo selecionado dentre uma gama de edifícios existentes, desprovido de intenção, a partir de uma memória coletiva e identidade nacional.

Estudar a arquitetura de uma época passada é estar intimamente se reportando a importância da memória e do patrimônio histórico e cultural do seu povo. Pinheiro (2006) aborda em seu estudo que na década de 1930 as iniciativas

preservacionistas começam a alcançar resultados mais significativos, culminando com a criação, ainda provisória, em 1936, do primeiro órgão nacional de preservação do patrimônio – o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Lemos (1981) afirma que a memória social, diretamente relacionada com a preservação sistemática de segmentos do Patrimônio Cultural, tem sido considerada com seriedade apenas recentemente, na segunda metade do século XIX. Antes, havia manifestações isoladas de estudiosos que foram envolvendo e interessando as comunidades e os seus próprios governos aos poucos, levando-os a, oficialmente, promover a preservação dos chamados Patrimônios Históricos e Artísticos. O autor relata ainda sobre preservação:

Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha...Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento [...] (LEMOS, 1981, p.29).

### **3. A Casa Brasileira no Período Colonial**

Para Reis Filho (2000) a arquitetura civil do período colonial estava baseada nas características urbanísticas de Portugal. As vilas e as cidades desse período apresentavam ruas uniformes, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites do terreno. As casas urbanas diferiam das rurais, os estilos arquitetônicos eram bem definidos. Sobre as técnicas construtivas Reis descreveu:

As técnicas construtivas eram geralmente primitivas. Nos casos mais simples as paredes eram de pau-a-pique, adobe ou taipa de pilão e nas residências mais importantes pregava-se pedra e barro, mais raramente eram tijolos ou ainda de pedra e cal (REIS FILHO, 2000, p. 26).

De acordo com Nascimento (2008), a influência do colonizador português se reflete até os dias atuais. Deixaram traços que influenciaram o modo de vida na cidade até hoje, como um precioso legado, quer na escolha do nome da cidade, nas artes, na cultura, na arquitetura e no traçado das ruas. No que diz respeito a arquitetura civil, a autora afirma que “as casas nas vilas eram sempre térreas simples, com pequenos sobrados, colados uns aos outros, voltadas suas frentes para as ruas e sempre com quintais, marcando uma proximidade grande entre o interior e o exterior” (NASCIMENTO, 2008, p.140-141). Ela descreve ainda:

As casas revelam a divisão de seus ocupantes, sendo o primeiro andar destinado à residência das famílias. A sala de estar, normalmente espaçosa, era usada no convívio social e local em que as mulheres exerciam suas ocupações domésticas: como bordar e costurar. O andar térreo era ocupado para fins comerciais ou de serviços. Havia ainda o espaço do pomar, chamado quintal, normalmente ligado à residência na parte posterior da construção. A área destinada aos serviços era separada da área social e muitas vezes dava para outras ruas (NASCIMENTO, 2008, p.146).

Para Vautier (1975, p.32) “a casa urbana no Brasil colonial seguia um único padrão, determinado por questões parcelárias, tectônicas e ambientais. Quanto ao sistema parcelário, o lote urbano era sempre estreito e profundo, variando a largura de 5 a 8 metros”.

Não se concebiam casas urbanas recuadas e com jardins, segundo Reis Filho (2000), as casas eram alinhadas pela divisa frontal e geminadas nos dois lados, criando a chamada rua corredor. Isto também influenciado pela precariedade das técnicas construtivas. Tanto a taipa de pilão quanto o pau-a-pique eram vulneráveis à chuva, um dos modos de protegê-los das intempéries era unir as empenas, restando duas fachadas expostas, que podiam ser protegidas pelos beirais e varandas. O autor afirma:

A técnica construtiva destes sobrados é a mais simples do período colonial, utilizando-se nas paredes o pau-a-pique, a taipa de pilão ou alvenaria de adobe ou tijolos cerâmicos, dependendo do local. As coberturas de telha cerâmica sobre madeiramento que raramente incluía tesouras, sendo mais comum apenas terças e caibros. O piso intermediário era sempre de frisos de madeira sobre coçoeiras transversais. Em alguns casos fazia-se um piso suplementar ocupando todo o espaço disponível ou apenas parte dele (REIS FILHO, 2000, p. 24-26).

Para Bruxel et al. (2010), os dois modelos representativos da moradia colonial eram as casas térreas e os sobrados. Os sobrados começaram a ser construídos pelas famílias mais abastadas. Estes tinham o pavimento térreo ocupado pelo comércio e o pavimento superior destinava-se a moradia da família. A planta baixa do pavimento superior do sobrado continua a mesma da casa térrea, sem reentrâncias, balanços ou modificações significativas.

Segundo os autores:

A fachada básica da casa colonial era composta por uma porta, sempre frontal e duas janelas. Quanto às fachadas dos sobrados, continuam mantendo a métrica das casas térreas: as janelas dos pavimentos inferiores correspondem com as do pavimento superior. As casas e sobrados, com exceção dos casarões dos senhores, eram construídos lado a lado, por isso a ventilação ocorria somente em um sentido (BRUXEL et al, 2010).

#### **4. A Influência Moura na Arquitetura Colonial**

Para Teixeira et al. (2022), elementos da arquitetura árabe surgiram de modo espontâneo em solo brasileiro, pois estavam integrados à arquitetura popular portuguesa devido ao período de dominação árabe da Península Ibérica entre os séculos VII e XV.

Certamente o clima foi um dos fatores físicos que interferiu na arquitetura brasileira durante o período colonial. Segundo Bruand (2012, p.12) “com temperaturas elevadas durante o verão, o primeiro problema a ser solucionado era combater o calor e o excesso de luminosidade, proveniente de uma insolação intensa”.

Com função de permitir a ventilação e a entrada de luz, ao mesmo tempo que oferece privacidade para os ocupantes da casa, impedindo a visão de fora para dentro, o muxarabi é um elemento arquitetônico tradicional utilizado principalmente em regiões de influência árabe e islâmica. Trata-se de uma treliça de madeira vazada, geralmente instalada em janelas, varandas ou sacadas. Além de ser um elemento prático, o muxarabi também é considerado decorativo, muitas vezes com desenhos geométricos detalhados, e foi adotado em várias partes do mundo, incluindo no Brasil colonial, onde foi incorporado à arquitetura luso-brasileira.

Segundo Santos e Pereira (2010), “as tramas geométricas e os rendilhados de madeira acompanham as transformações construtivas e adaptações culturais da arquitetura do Oriente na Europa, especialmente na Península Ibérica, e em seguida nas Américas, especialmente nos trópicos brasileiros”.

A autoras afirmam ainda:

A ocupação árabe da Península Ibérica e as navegações e intercâmbios comerciais promovidos a partir do século XV especialmente por venezianos e genoveses, portugueses e espanhóis, foram responsáveis pela associação dos diversos tipos de treliçados à arquitetura europeia, principalmente à arquitetura vernacular mediterrânea, transplantados em seguida para as colônias de clima quente onde se proliferaram no reencontro com o habitat climático de origem (SANTOS E PEREIRA, 2010, p.2).

Santos e Pereira (2010, p.3) descreve que “no Brasil colonial o muxarabi era constituído de um xadrez de fasquias de madeira para ser colocado na frente de uma janela ou na extremidade de uma saliência abalcoada, apoiado no próprio travejamento, ou em consolos ou cachorros de pedra”.

Para Colin (2010) o muxarabi é um dos elementos mais característicos da nossa arquitetura colonial, uma das mais persistentes influências da arquitetura árabe. O autor descreve “...designa um balcão fechado por treliças, chamadas também de urupemas, geralmente com janelas de rótula. As frascas que formavam as urupemas tinham dimensões bem pequenas, em torno de 15 mm, e eram sobrepostas, formando uma malha bem delicada”.

Pinto afirma que:

Os muxarabis, afinal, eram balcões bem salientes apoiados, quase sempre, em cachorros de pedra, abrangendo dois ou três lanços contínuos de janelas[...] as fasquias ou reixas formavam malhas quadriculadas ou em xadrez. Os elementos dessa trama justapunham-se, não se cruzando, uns por baixo dos outros, como na técnica da urupema (PINTO, 1958, p.15).

Pinto (1958, p.24) pontua que “os povos berbero-arábicos deixaram traços de sua influência na arquitetura civil portuguesa, que por sua vez muitos desses aspectos passaram ao Brasil a partir dos colonizadores”. Ele afirma ainda:

Os muxarabis são, sem dúvida, os mais expressivos vestígios dessa aculturação. O muxarabi era um complexo cultural, a que estavam ligados costumes sociais de formação mourisca, logo absorvidos no Brasil com maior ou menor intensidade, - o hábito de a mulher não aparecer aos estranhos, de sair à rua com o rosto coberto, de viver com as pernas cruzadas no tapete, de não frequentar certos lugares tabus da casa (PINTO, 1958, p.24).

De acordo com Severo<sup>5</sup> (1969 apud SANTOS E PEREIRA, 2010, p.4), a primeira ideia que é associada ao muxarabi é a de bem-estar, proporcionando ao ambiente da casa mais frescor. A segunda ideia é a de segurança, onde o muxarabi é levado à defesa das residências, remetendo a defesa dos castelos medievais.

A respeito dessa última ideia, Colin (2010) destaca que o Príncipe Regente tinha medo de possíveis ataques contra ele e os membros da corte, ataques este que seriam camuflados pelas treliças. Acarretando numa operação que teve efeito devastador sobre os muxarabis.

A vinda da corte portuguesa comprometeu o uso do muxarabi. Segundo Colin (2010), oficialmente alegava-se que o país devia perder os ares de colônia, e assimilar as novas tendências europeias, que não admitia a influência ilegítima da arquitetura árabe, mas somente a tradição greco-romana.

Segundo Pinto (1958) nos fins do século XVIII, o capitão-general D. Tomás José de Melo, inimigo dos calçamentos desalinhados e das ruas tortas, determinou a destruição dos muxarabis. No Rio de Janeiro, a ofensiva teve início na administração do intendente ou alcaide Paulo Fernandes Viana. O príncipe-regente temia que se fizesse mau uso dessas estruturas mouriscas, por cujas aberturas podia passar o cano de uma arma. Esta hipótese não era infundada, pois, cem anos antes, o governador Sebastião de Castro e Caldas, ao passear no Recife, levava um tiro de bacamarte, partido de uma casa com muxarabi.

Ao fazer um estudo sobre as possíveis causas do desaparecimento dos muxarabis mouriscos, percebe-se que os motivos vão além da falta de segurança que este elemento arquitetônico oferecia. Segundo Lúcio Costa “esse costume que conferia à cidade certo ar oriental chocou os fidalgos e elas foram obrigatoriamente arrancadas e substituídas por venezianas e vidraças de guilhotina ou de abrir ‘à francesa’” (COSTA, 2002. p.50).

---

<sup>5</sup> SEVERO, Ricardo. **A casa e o templo**. In: Homenagem a Ricardo Severo. São Paulo, 1969, p. 46.

## 5. Os Sobrados Mouriscos de Olinda

No centro histórico de Olinda podem ser encontrados inúmeros exemplares da arquitetura de distintos períodos da história do Brasil. Entre esses, estão dois sobrados com seus raros balcões de influência moura de estilo muxarabi, que datam do período colonial. Estas residências coloniais retratam a época do patriarcado e seus costumes. Os sobrados eram típicas residências de famílias burguesas, donas de engenho que se instalaram em Olinda.

Esses sobrados mouriscos são os mais antigos no Brasil. Tem-se o sobrado nº 28, da Rua do Amparo (Imagem 01), e o nº 7, do Pátio de São Pedro (Imagem 02), datando provavelmente das primeiras décadas do século XVII. Colin (2011) descreveu o sobrado de nº 28 da Rua do Amparo (Imagens 10 e 11):

Observamos que se trata de uma casa situada em terreno com grande aclave, razão porque o pavimento inferior, da rua do Amparo é bem menor. Temos aí a loja de comércio. Geralmente, nas áreas mais povoadas dos centros urbanos, o pavimento inferior era dedicado ao comércio. A casa de residência se desenvolve unicamente no sobrado, onde temos a sala, o santuário (lembremos não apenas a vocação católica do nosso povo como também o grande poder da igreja, em tempos de contra-reforma), as alcovas e nos fundos a sala de jantar e cozinha, dando o quintal para a ladeira da Misericórdia (COLIN, 2011).

O autor ainda discorre sobre o sobrado nº 7, do Pátio de São Pedro Imagens 08 e 09):

No sobrado do Pátio de São Pedro, temos um programa mais completo, pois se trata não somente de terreno plano como também de um lote de esquina. A planta apresentada reflete possivelmente as transformações de uso atualizadas, pois notamos uma casa já melhor equipada. Temos no pavimento térreo uma loja melhor dotada de espaços, com armazém e grande depósito, e os compartimentos dos fundos servindo à residência, com a sala de engomar, um compartimento que somente desaparece das casas brasileiras com o século XX já avançado, e a senzala urbana, que se transformou em quarto de criado. Note-se que já temos aí banheiro e W.C., integrados ao corpo da construção, embora com acesso por fora. No pavimento superior, por se tratar de uma casa de esquina. Temos quartos, uma alcova e a camarinha, pequena alcova ou quarto (COLIN, 2011).



Imagem 01 - Sobrado Mourisco nº 28, da Rua do Amparo.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 02 - Sobrado Mourisco nº 7, do Pátio de São Pedro.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Nascimento (2008, p.6-7) afirma que o sobrado nº 7, do Pátio de São Pedro, “possui três portas almofadadas (Imagem 03) e, no andar superior, tem um singular balcão de pedra e de madeira com treliças estilo muxarabi (Imagem 04). Lá já chegaram a se hospedar importantes figuras da história do país, como D. Pedro II e a imperatriz D. Tereza Cristina”.

Imagem 03 - Sobrado Mourisco nº 7, do Pátio de São Pedro.



Fonte: Acervo próprio, 2024

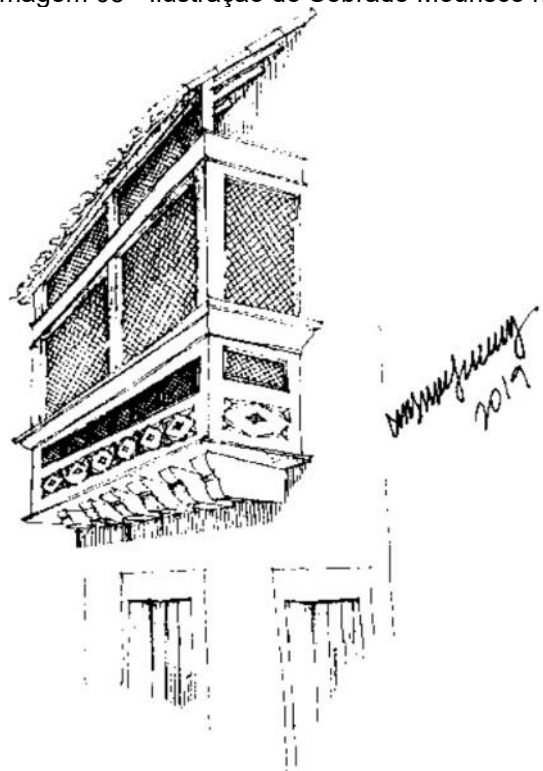
Imagem 04 - Sobrado Mourisco nº 7, do Pátio de São Pedro.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Sobre os chamados popularmente de “cachorros de pedra”, Lucena (2022, p.61) afirma que “nas construções residenciais coloniais, esses elementos eram empregados enfileirados em fachadas planas, sustentando balcões” (Imagem 05).

Imagem 05 - Ilustração do Sobrado Mourisco nº 7



Autoria: Emanuel de Lucena, 2019

Pinto (1958, p.19) afirma que a casa da rua do Amparo está menos conservada que a do pátio de São Pedro, como pode se observar nas imagens 06 e 07. Ambos os edifícios estão hoje tombados pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O autor discorre sobre o sobrado da Rua do Amparo:

O muxarabi, apoiado em cães de pedra, encosta as vergas superiores no telhado tosco e saliente. O balcão de madeira é formado de almofadões e reixas em xadrez. O prédio fica situado em um terreno ladeiroso e irregular, de modo que o quintal se encontra no mesmo nível do primeiro andar (PINTO, 1958. p.19).

E dá continuidade com o sobrado da Praça de São Pedro:

O muxarabi do velho pátio de São Pedro é do mesmo estilo do da rua Amparo. Mede o abalcoado 6,57 m. x 0,81 m. O prédio, entretanto, constitui um exemplar bem conservado das casas burguesas do período colonial [...] É uma edificação assimétrica [...] Interessante é a variedade dos almofadões das portas da fachada, em contraste com a porta lateral, mais modesta, da loja [...] Essa falta de simetria encontra-se em toda a casa - nos alizares, nos vãos, nas vergas, nos parapeitos, no telhado, no forro à feição de pirâmide truncada (PINTO, 1958. p.19-20).

Imagem 06 – Sobrado Mourisco nº 28, da Rua do Amparo.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 07- Placa do Sobrado Mourisco nº 28.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Pinto (1958, p.21) observa que “na planta da casa do Pátio de São Pedro a sala de visitas ocupa um espaço de certo modo vasto em proporção à área total do prédio” (Imagem 09), da mesma forma que na casa da rua do Amparo (Imagem 11). Essa sala é a que se relaciona com o muxarabi. O autor afirma que é:

O lugar mais nobre da mansão, bem ao lado do santuário. O recanto do lar onde as mulheres passavam quase todo o seu tempo, bordando ou fazendo rendas. Lá fora era o mundo estranho e proibido, por trás do crivo miúdo e zeloso das adufas (PINTO,1958. p.19-20).

Imagem 08 - Pavimento Térreo do Sobrado Mourisco nº 7, do Pátio de São Pedro.



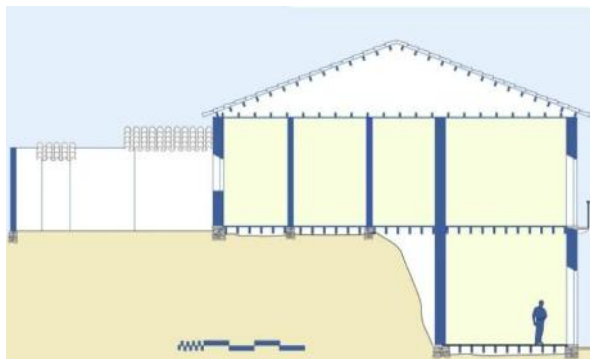
Fonte: Colin, 2011

Imagem 09 - Primeiro Pavimento do Sobrado Mourisco nº 7, do Pátio de São Pedro.



Fonte: Colin, 2011

Imagem 10 - Corte do Sobrado Mourisco nº 28, da Rua do Amparo.



Fonte: Colin, 2011

Imagem 11 - Pavimento Inferior do Sobrado Mourisco nº 28, da Rua do Amparo.



Fonte: Colin, 2011

Pinto (1958, p.23) pontua que os cães ou cachorros de pedra, tão característicos dos velhos sobrados do Recife e de Olinda, encontram-se conservados e intactos, conforme pode ser visto na Imagem 04.

Os cachorros de pedra são, repito, os elementos a meu ver mais característicos dos muxarabis pernambucanos. Ainda hoje os antigos sobrados do Recife e Olinda estão cheios deles, - os mesmos cachorros que se podem ver nas litografias de F. H. Caris, desenhadas por L. Schlappriz. É só visitar, em Olinda, as ruas de São Bento e de São José; as ruas Treze de Maio, Bernardo Vieira de Melo, Prudente de Moraes (PINTO, 1958. p.23).

## 6. Resultados

Portugal fez parte do mundo islâmico devido ao período em que a região foi conquistada e governada por muçulmanos. Esse domínio islâmico, conhecido como a ocupação moura, começou no início do século VIII, quando os exércitos muçulmanos do norte da África atravessaram o Estreito de Gibraltar e conquistaram grande parte da Península Ibérica, incluindo o território que hoje compreende Portugal.

Dessa forma, entende-se o porquê das soluções arquitetônicas islâmicas para o conforto ambiental serem utilizadas no país lusitano e transferidas para o Brasil.

A partir do levantamento bibliográfico, verificou-se que o uso de certos artifícios, como os muxarabis, promoveram o conforto térmico e visual nas edificações e foram muito utilizadas, sem restrições, até o início do século XIX. Entretanto, as dinâmicas políticas e sociais e, posteriormente, os avanços tecnológicos levaram a diminuição do uso de tais estratégias.



Atrelada aos referenciais teóricos, a pesquisa de campo, em visita ao Sítio Histórico de Olinda, mostrou uma realidade distinta entre os dois sobrados mouriscos.

O sobrado situado no nº 7 da Praça de São Pedro, encontra-se em boas condições de preservação, ao passo que o sobrado nº 28 da Rua do Amparo mostra uma realidade contrária, onde em sua fachada é possível se ver muitas pichações, pintura descascada, sinais de infiltração e até o apodrecimento da madeira do muxarabi.

Para além dos sobrados mouriscos, foram verificadas que outras edificações de períodos históricos distintos se utilizam ainda hoje dos muxarabis, que se tornaram um recurso funcional e estético adotado em várias tipologias arquitetônicas na cidade de Olinda. Fato que ressalta a sua importância no contexto local, como pode ser verificado nas imagens 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18.

Imagem 12 – Catedral da Sé – Rua Bispo Coutinho nº1541, Carmo, Olinda.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 14 - MASP- Rua Bispo Coutinho, nº726 - Ladeira da Misericórdia, nº 114 Carmo, Olinda.

Imagem 13 – Detalhe do muxarabi na fachada.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 15

Carmo, Olinda.



Fonte: Acervo próprio, 2024



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 16 – Ladeira da Misericórdia, nº 52  
42 Carmo, Olinda.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 17 – Ladeira da Misericórdia, nº  
Carmo, Olinda.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Imagem 14 – MASP – Rua do Amparo, nº71  
Carmo, Amparo, Olinda.

Imagem 15 – Rua Treze de Maio, nº 229,  
Olinda.



Fonte: Acervo próprio, 2024



Fonte: Acervo próprio, 2024

## 7. Considerações

Verificou-se que a partir do século XIX, com base em padrões urbanísticos e arquitetônicos europeus, a arquitetura brasileira perdeu, aos poucos, algumas de suas características históricas e regionais. Essa nova arquitetura produzida muitas vezes não levou em consideração os saberes locais e as características climáticas de cada região.

A importância cultural da influência moura na formação da identidade arquitetônica das colônias ibéricas nas Américas é inegável. Os sobrados mouriscos ajudam a compor a paisagem urbana histórica de Olinda. Eles são um dos marcos da arquitetura colonial luso-brasileira, que combina influências europeias e mouras, destacando-se pelo uso de sacadas com muxarabis. Construídos em regiões centrais de Olinda, eles desempenhavam um papel crucial na organização urbana e na ocupação do espaço público e privado.

Os sobrados mouriscos de Olinda são valiosos pela sua capacidade de contar uma parte da história do Brasil colonial. Apesar do tempo e de intervenções urbanísticas ao longo dos séculos, esses sobrados mantêm suas características arquitetônicas originais, o que contribui para a preservação da memória histórica e cultural da cidade. Embora esteja um dos sobrados em péssimas condições de conservação.

A importância desses edifícios vai além do valor estético, pois eles representam a continuidade de tradições arquitetônicas que atravessaram séculos e oceanos, conectando o Brasil colonial com suas raízes ibéricas e mouras. Simbolizam a



diversidade cultural, onde elementos europeus, indígenas e africanos também se misturaram para criar uma arquitetura única e rica em influências.

Hoje, esses sobrados são importantes não só como patrimônio arquitetônico, mas também como atrações turísticas, pois ajudam a contar a história da formação de Olinda e do Brasil, atraindo visitantes interessados em arquitetura colonial e na história das cidades do período.

## REFERÊNCIAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

BRUXEL, Daniela Cristina; DEBARBA, André Luís; FRANKEN, Angela Pulga; GREGORY, Angéllis. Período Colonial. **ArquitraçoBrasil**. 2010 Disponível em: <https://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830/>. Acesso em: 20 set. 2024.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Editora da Unesp, 2017. p. 11-29.

COLIN, Sílvio. Técnicas construtivas do período colonial – III. **Coisas da Arquitetura**, 6 setembro 2010. Disponível em: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii> Acesso em: 18 set. 2024.

\_\_\_\_\_. Tipos e padrões da arquitetura civil colonial – II. **Coisas da Arquitetura**, 8 maio 2011. Disponível em: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2011/05/08/tipos-e-padroes-da-arquitetura-civil-colonial-ii/>. Acesso em: 20 set. 2024.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 152p.

LEMOES, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LUCENA, Emanuel Victor Patrício de. **Arquitetura Neocolonial: Uma Análise Arqueológica do Discurso nos Cenários Paulistanos e Carioca**. Orientador: Prof. Ivan Cavalcanti Filho. 149 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26019>. Acesso em: 15 set. 2024.

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. **Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade**. Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando Guerreiro de Freitas. 388 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11230/1/Tese%20Eliane%20Nascimento1.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

PESAVENTO, S. J. História, Memória e Centralidade Urbana. **Revista Mosaico – Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 1, n. 1, p. 3–12, 2008. DOI: 10.18224/mos.v1i1.225. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225>. Acesso em: 7 set. 2024.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Origens da noção de preservação do patrimônio cultural no Brasil. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, Brasil, n. 3, p. 4–14, 2006. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i3p4-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44654>. Acesso em: 8 set. 2024.



PINTO, Estêvão. **Muxarabis & Balcões**: e outros ensaios. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 362 p. v. 303. Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/muxarabis-balcoes-e-outros-ensaios/pagina/10/texto>. Acesso em: 22 set. 2024.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000. 211 p.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth da Silva. Geometrias sensíveis: as tramas e treliças na arquitetura antiga e moderna no Brasil. In: 3º SEMINÁRIO DOCOMOMO SUL, 2010, Porto Alegre. **Anais** [...]. 2010. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/propar/wp-content/uploads/2023/11/05a\\_Margareth-da-Silva-Pereira.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/wp-content/uploads/2023/11/05a_Margareth-da-Silva-Pereira.pdf). Acesso em: 17 set. 2024.

TEIXEIRA, Patricia S.; PUNHAGUI, Katia R. G.; VETTORAZZI, Egon; SACHT, Helenice Maria. Contribuições da arquitetura árabe para os elementos de controle solar da arquitetura brasileira. **Vitruvius**, [s. l.], ano 23, Dez. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.271/8681>. Acesso em: 21 set. 2024.

VAUTIER, L. L. **Casas de residência no Brasil**. In: Arquitetura Civil I. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975.